

Construção cinematográfica familiar

A pele morta, filme de abertura do Festival de Brasília, retoma projeto de Geraldo Moraes, pai dos diretores Denise Moraes e Bruno Torres

Mariana Reginato

Abrindo a 59ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, o longa *A pele morta*, com direção de Denise Moraes e Bruno Torres, será a atração. Na trama, um caminhoneiro uruguaio e seu ajudante, interpretados por César Trancoso e Luan Iturbe, em viagens pelas estradas entre o Brasil e o Paraguai, deparam-se com as marcas da perda de território e com as consequências da exploração que ameaça comunidades indígenas.

O projeto seria dirigido pelo cineasta Geraldo Moraes, que morreu antes de iniciar o processo de realização. Então, por meio de um convite da produtora Solange Lima Moraes, os filhos de Geraldo, Denise e Bruno, assumiram a direção do longa. “Dar continuidade a esse projeto teve uma importância muito grande para nós, porque significou levar adiante algo que nosso pai havia sonhado e no qual estava envolvido afetiva e profissionalmente. Tivemos que lidar com a ausência do nosso pai e, ao mesmo tempo, com a responsabilidade de continuar um projeto que carregava um vínculo afetivo e um significado político muito fortes”, afirma.

Desde o início, os dois entenderam que homenagear o pai não significava fazer o filme da forma que ele faria. “O diretor de fotografia Antônio

BIEL GOMES/ DIVULGAÇÃO



Luiz Mendes, que fez a fotografia de *A Pele Morta*, havia sido uma escolha do nosso pai. Estar com ele, pensando e construindo a proposta de fotografia do filme, acabou criando, de certa forma, uma ponte com aquilo que nosso pai havia imaginado para sua realização”, comenta. A busca foi encontrar em tudo isso as próprias escolhas e formas de fazer cinema.

Bruno Torres afirma que o maior aprendizado do processo foi entender que família também é uma construção contínua. “A gente costuma pensar a família a partir dos vínculos que já existem, como se eles estivessem dados, mas esse filme nos colocou numa situação em que eu e Denise tivemos que nos reencontrar como irmãos, como artistas e também como filhos. *A Pele Morta* nasceu de um desejo do nosso pai, e assumir esse filme depois da partida dele significou conviver o tempo inteiro com uma ausência muito presente”, conta o diretor.

“O que podíamos fazer era carregar aquilo que ele nos deixou e, a partir daí, encontrar juntos a nossa própria maneira de realizar o filme. Acho que foi aí que eu entendi com mais profundidade que família não é só aquilo que herdamos uns dos outros. É também aquilo que escolhemos preservar, transformar e continuar. De alguma maneira, fazer esse filme com a minha irmã foi uma forma de permanecer em diálogo com o nosso pai, mas também de criar uma relação entre nós dois a partir dessa experiência”, descreve Bruno Torres.

A produção baiana se conecta com diversos países da América Latina e territórios brasileiros. “O Paraguai aparece fisicamente, nas locações, enquanto o Uruguai, a Bolívia e a Argentina estão presentes em elementos narrativos do filme. Assim, *A Pele Morta* é um filme de alma latina. As filmagens foram realizadas em lugares diversos da América Latina, reforçando essa dimensão latino-americana que atravessa

o filme. Além disso, o filme é falado em português, guarani e espanhol. Enfim, para nós, é um filme com DNA latino-americano”, afirma a produtora Solange Moraes.

Abrir o Festival de Brasília é muito significativo para o projeto. Além da importância nacional e conexão com Brasília, o espaço também se consolidou como um espaço de resistência do cinema. “Geraldo Moraes viveu boa parte de sua vida aqui, foi professor da Universidade de Brasília e construiu grande parte de sua trajetória como cineasta no Centro-Oeste. Apresentar o filme na abertura do Festival tem um significado político forte, mas também bastante afetivo. Acredito que ter um filme feito por pessoas da cidade abrindo o 59º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro é, também, uma forma de valorizar os profissionais e de reafirmar a importância de políticas públicas voltadas para a produção audiovisual no Distrito Federal”, finaliza Denise.

Longa *A pele morta* abre a 59ª edição do Festival de Brasília